



## ARTIGO DE PESQUISA

### SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE/PATERNIDADE PARA ADOLESCENTES QUE VIVENCIAM ESSE PROCESSO

*MEANINGS OF THE MATERNITY/PATERNITY FOR ADOLESCENTS WHO LIVE DEEPLY THIS PROCESS*  
*SIGNIFICADOS DE LA MATERNIDAD/PATERNIDAD PARA ADOLESCENTES QUE VIVEN ESTE PROCESO*

Paula Fernanda Brandão Batista dos Santos<sup>1</sup>, Ana Dulce Batista dos Santos<sup>2</sup>, Gabriela Miranda Mota<sup>3</sup>, Talita de Figueirêdo Galhardo<sup>4</sup>, Eliabe Rodrigues de Medeiros<sup>5</sup>.

#### RESUMO

No Brasil, nos últimos anos, a natalidade entre mulheres de 15 a 19 anos vem apresentando uma tendência progressiva, enquanto ocorre o contrário nas outras faixas etárias. Comparadas à gravidez, a maternidade e paternidade na adolescência ainda são fenômenos pouco estudados, mas que, entretanto, provocam profundas mudanças e sérias implicações sociais, psíquicas e afetivas para esses jovens. O presente estudo foi desenvolvido ao longo do Projeto de Extensão, com adolescentes que vivenciam esse processo, e teve por objetivo conhecer os significados da maternidade/paternidade na adolescência a partir da história das pessoas que vivenciam e/ou vivenciaram esse processo. Foi por de uma pesquisa-ação e com a história oral que retratamos a vida de dez adolescentes do bairro de Felipe Camarão, Natal/RN. Os significados revelados expressam ambigüidades. A inserção precoce no mundo adulto revela-se, muitas vezes, diferente do que foi idealizado, mas nem sempre sob um aspecto negativo.

**Descritores:** Adolescência; Relações mãe-filho; Paternidade.

#### ABSTRACT

In Brazil, in recent years, pregnancy in women between 15 and 19 years old presents a gradual rising trend, in contrast to the other age ranges. Compared to pregnancy, maternity and paternity in adolescence is still a little studied phenomenon, even though it causes deep changes and serious social, psychic and affective implications for these young people. This study was developed throughout an extension project, together with adolescents who experience these changes, and had the objective of knowing the meaning of maternity/paternity in adolescence based on the history of the people who experience and/or have experienced this process. Using action-research and the oral history, we portray the life of ten adolescents from Felipe Camarão district, Natal, State of Rio Grande do Norte, Brazil. The meanings revealed express ambiguities. The early entrance in the adult world often proves to be very different from what had been idealized, but not always in a negative way. **Descriptors:** Adolescence; Mother-child relationship; Paternity.

#### RESUMEN

En Brasil, en los últimos años, la natalidad en mujeres de 15 a 19 años viene presentando una tendencia progresiva, mientras ocurre lo contrario en las demás franjas etarias. Comparadas al embarazo, la maternidad y la paternidad en la adolescencia aun son fenómenos poco estudiados, sino que, provocan profundos cambios y serias implicaciones sociales, psíquicas y afectivas a estos jóvenes. El presente estudio se desarrolló a lo largo del Proyecto de Extensión junto a los adolescentes que viven este proceso, y tuvo por objetivo conocer los significados de la maternidad/paternidad en la adolescencia a partir de la historia de las personas que viven y/o vivieron este proceso. Ha sido a través de una investigación-acción y con la historia oral que retratamos la vida de diez adolescentes del barrio de Felipe Camarão, Natal/RN. Los significados revelados expresan ambigüedades. La inserción precoz al mundo adulto se revela, muchas veces, diferente de lo que se idealizó, pero no siempre bajo un aspecto negativo.

**Descriptores:** Adolescencia; Relaciones madre-hijo; Paternidad.

<sup>1</sup> Enfermeira. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, <sup>2</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco, <sup>3</sup> Enfermeira. Especialista em Intensivismo Neonatal pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Enfermeira do Hospital Central Coronel Pedro Germano, <sup>4</sup> Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho pelas Faculdades Integradas de Patos, <sup>5</sup> Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, nos últimos vinte anos, vimos crescer de forma assustadora a natalidade entre mulheres de 15 a 19 anos. Enquanto que em outros grupos etários essa tendência é regressiva, na adolescência esse fenômeno tem sido ascendente e isso tem gerado uma preocupação constante por parte de toda a sociedade, não só em descobrir o que está por trás desse aumento de casos, mas também o que pode ser feito para diminuí-los. Tal fato tem direcionado o olhar das autoridades e da própria sociedade para um fenômeno que tem interferido e gerado mudanças na estrutura social, sanitária e econômica do País: a gravidez na adolescência <sup>(1-3)</sup>.

Em um primeiro momento, percebemos ser esse um problema localizado e de fácil resolução. Entretanto, ao aprofundarmos nossa visão, é notória a complexidade desse fenômeno, já que acontece em um momento de importantes reestruturações na vida e nos papéis que os adolescentes exercem e por ter um grande potencial de transformação nas estruturas sociais e familiares destes <sup>(4)</sup>. Diretamente relacionada à gravidez na adolescência, está a vivência plena da maternidade e paternidade. A partir de sua descoberta, inicia-se um processo contínuo de mudanças na vida dos adolescentes, que encontrarão na maternidade ou paternidade a constituição de um novo estilo de vida e de um amadurecimento mais rápido e mais

dramático, seja no seu aspecto afetivo ou social.

Ser mãe e pai, na adolescência, ainda que fenômenos complementares, que acontecem, muitas vezes, ao mesmo tempo, são distintos. A vivência da maternidade pelas adolescentes é completamente diferente da vivência da paternidade pelos adolescentes. As implicações, significados e até mesmo as mudanças impostas se processam de forma peculiar para cada sexo, fazendo aflorar as questões de gênero que permeiam o contexto social, tornando essas diferenças ainda mais intensas. Além disso, somam-se os desafios e mudanças comuns dessa fase da vida, deixando esses adolescentes vulneráveis por estarem expostos e sensíveis aos problemas enfrentados em seu contexto social <sup>(5)</sup>.

Esses fenômenos têm decorrido das intensas mudanças sociais e culturais evidenciadas na sociedade atual, pois esse grupo etário está iniciando cada vez mais cedo a vida sexual, refletindo em uma mudança no padrão de comportamento em que a maturidade sexual é atingida antes da maturidade intelectual, afetiva e social, o que facilita a experimentação e a adoção de comportamentos de risco <sup>(1-2,6-8)</sup>. Assim, a gravidez na adolescência ganha destaque na impulsividade, no imediatismo, próprios dessa fase, na tentativa de alcançar autonomia econômica e emocional em relação à família <sup>(9)</sup>. Isso leva à impossibilidade de completar a função da adolescência, antecipando escolhas e

abreviando experiências como o abandono escolar; menor chance de qualificação e oportunidades de inserção no mercado de trabalho; dificuldade na implementação de outros projetos de vida; vivência de preconceitos; despreparo para lidar com o desenvolvimento do filho; entre outras <sup>(1)</sup>.

A maternidade/paternidade como consequência de uma gestação durante a adolescência e, na maioria dos casos, não planejada, tem sido considerada um problema social, além de um fenômeno coletivo, por provocar mudanças não apenas para os adolescentes, mas para todas as famílias envolvidas e até para a própria comunidade na qual estes se inserem. Por isso, é recomendado que se propicie um consistente apoio social ao adolescente, somando o apoio familiar, comunitário, escolar, dos serviços de saúde e outras instituições, para torná-los mais bem preparados no enfrentamento das dificuldades oriundas da procriação na adolescência <sup>(5)</sup>.

Ao desenvolver trabalhos na área da saúde do adolescente, deparamo-nos diariamente com situações e problemas relacionados à vivência da sexualidade, tendo em vista o momento de amadurecimento e de experimentação em que se encontram esses jovens. Ao longo de cinco anos, desenvolvendo trabalhos educativos voltados para esse público, chamou-nos a atenção o fato de termos sempre presente o fenômeno da gravidez na adolescência, sendo esta, quase sempre,

algo bastante desejado tanto pelas meninas quanto por alguns meninos.

Dessa forma, nas atividades da disciplina de Enfermagem na Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente, do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e dos projetos de extensão universitária voltados para o trabalho educativo com adolescentes do bairro de Felipe Camarão, percebemos a necessidade de conhecer melhor os significados da vivência da maternidade e paternidade, a fim de identificarmos o que há por trás desse fenômeno que possa esclarecer-nos acerca dos crescentes casos de gravidez, mesmo quando estas meninas recebem ou já receberam informações sobre métodos contraceptivos e vivências da sexualidade.

Assim, o presente artigo é fruto de uma pesquisa que teve por objetivo conhecer os significados da maternidade/paternidade na adolescência a partir da história das pessoas que vivenciam ou vivenciaram esse processo.

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa social, caracterizada por um estudo descritivo de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação <sup>(10)</sup>. Essa pesquisa foi desenvolvida dentro de um projeto de extensão de educação em saúde, entre agosto de 2008 e março de 2009, de modo que seus resultados iam se modificando e interferindo em todo o processo de construção do trabalho

educativo. Como método de pesquisa, a pesquisa-ação agrega diversas técnicas de pesquisa social, sendo tecida a partir de uma estrutura coletiva, com a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos no problema.

Dessa forma, tal pesquisa teve como epicentro de sua ação o processo de maternidade/paternidade na adolescência, num esforço de buscar fortalecer as estratégias de enfrentamento e vivência das dificuldades e mudanças características dessa fase no processo de adolecer.

A população do estudo foi constituída por adolescentes, na faixa etária de 12 a 19 anos, e pessoas adultas do bairro de Felipe Camarão na cidade do Natal/RN, Brasil, que estão vivenciando e/ou vivenciaram durante a adolescência o processo de maternidade/paternidade, perfazendo um total de dez depoentes (sete mulheres e três homens). Esses sujeitos foram participantes das atividades do projeto de extensão “Maternidade/Paternidade na adolescência: compreendendo significados e estimulando projetos de vida saudáveis”.

Para a coleta de dados, utilizamos a história oral de vida, o que nos permitiu métodos e técnicas para a constituição de fontes e arquivos orais que mais tarde transformaríamos no *corpus* documental, no qual realizamos a análise sobre as histórias de vida dos sujeitos.

Como dimensão técnica, a história oral oferece um arsenal de procedimentos para a coleta de dados, segmentados em etapas

para a construção de um documento oral, são elas: entrevista, transcrição, textualização, transcrição, conferência dos textos e autorização para o uso e publicação, e, finalmente, análise e interpretação <sup>(11)</sup>. Esses foram os passos seguidos para a construção e interpretação dos significados da maternidade e paternidade na adolescência.

Foram realizadas entrevistas individuais nas residências dos participantes, agendadas previamente, em horários propícios para eles. O roteiro de entrevista utilizado versava sobre os aspectos vivenciados nessa fase, sendo sugerida pelo entrevistador a ênfase em aspectos essenciais, como as dificuldades vivenciadas e sobre o que significava para eles a maternidade/paternidade. Em seguida, as entrevistas foram transcritas, textualizadas e transcriadas. Essas etapas não se constituem separadamente, mas em processos que se complementam e se interligam <sup>(11)</sup>.

Ao final dessas etapas, tivemos um texto completamente reescrito, agora sem as perguntas, e reordenado de forma a permitir melhor compreensão sobre os fatos e relatos contidos nas entrevistas. Elegemos como título, para identificar as narrativas, o sentimento escolhido pelos adolescentes durante uma dinâmica, no projeto de extensão, sobre a representação da maternidade e paternidade.

Depois de trabalhados, os textos passaram por um processo de autorização do

depoente, sendo assegurado o direito de realizar correções ou alterações pertinentes, podendo ser acrescidos ou vetados fatos considerados inconvenientes. Não houve alterações por parte dos narradores.

Os dados qualitativos obtidos foram utilizados na construção de um *corpus* documental que forneceu subsídios para uma análise e interpretação mais ampla do fenômeno a partir da leitura, interpretação, compreensão e análise de temas comuns às narrativas. Foram estabelecidas algumas categorias comuns aos diversos discursos que forneciam subsídios para a compreensão dos significados da maternidade e paternidade, sendo eles: as dificuldades vivenciadas e as expectativas futuras, e o que veio a representar a maternidade e paternidade na vida dos adolescentes.

A pesquisa foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRN, registrada e autorizada, conforme Parecer nº 004/09, tendo todos os sujeitos e/ou representantes legais concordado em participar espontaneamente do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessa forma, asseguramos as condições éticas exigidas pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata da pesquisa envolvendo seres humanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada história de vida dos adolescentes pesquisados revelou aspectos muito

importantes de uma nova geração, marcada por responsabilidades cada vez mais precoces. Algumas histórias revelam mais dificuldades, outras mais superações, outras ainda deixam transparecer a importância substancial da família dos adolescentes para a formação e estruturação de novos laços, de novos vínculos, ou mesmo de uma nova família. Ao contrário do que muitos pensam, parte desses adolescentes desejava a gravidez e a buscou numa tentativa de consolidar uma relação ou mesmo de realizar um sonho.

As histórias que aqui serão analisadas foram relatadas por adolescentes e adultos que tinham entre 16 e 33 anos, com uma média de 20,3 anos, e que foram pais e mães durante a adolescência. Sobre a situação marital dos participantes, tivemos dois que se encontravam solteiros, um era casado, e sete viviam em união estável; destes, tanto para o casado como em duas das uniões estáveis, os parceiros não eram os pais da criança nascida na adolescência. Quanto à idade em que foram pais e mães, os mesmos tinham entre 16 e 19 anos, com uma média de 16,8 anos. Quanto ao provimento financeiro, seis o obtinham por meio do próprio trabalho, quatro ainda dependiam dos pais e/ou companheiros. No tocante à escolarização, sete participantes tinham o ensino fundamental incompleto, dois, o ensino médio incompleto, e apenas um, o ensino médio completo. No momento da entrevista os participantes tinham um filho (8) e dois filhos (2). Quanto à situação

de moradia, dois viviam em casa alugada, três, na casa dos pais, e cinco, em casa própria.

### **Dificuldades e mudanças vivenciadas e expectativas para o futuro**

Apesar de a gravidez na adolescência vir se caracterizando com um evento não planejado para a maioria dos casais, ainda assim ela é desejada por grande parte deles. Para alguns adolescentes, a gravidez vem representando a realização de um sonho de união, de família, mas que nem sempre se concretiza. A idealização antecede à gravidez e faz com que esta seja percebida como a grande propulsora de um relacionamento estável, duradouro e feliz, por isso, muitas vezes, desejada. Tal fato se revela não só na fala das meninas, mas também na de alguns meninos.

“Quando completamos três anos de relacionamento comecei a desejar engravidar e logo o desejo foi concretizado, aos 17 consegui ser mãe e ele, pai de mais um filho aos 42 anos” (Delicadeza).

“Quando comecei a namorá-la eu tinha 16 anos e ela tinha 13. Depois de dois anos de relacionamento, nós começamos a desejar e a pretender ter um filho, com mais alguns meses ela engravidou e conseguimos o que queríamos...” (Generoso).

Por outro lado, a gravidez pode iniciar um processo de turbulência, conflitos, medos, e até de atitudes precipitadas para interrompê-la. O medo de assumir perante a

família, de não ser aceita pelos familiares, de não ser aceita pelo parceiro, faz com que a gravidez seja um evento não desejado. Para os meninos, isso se traduz também nas privações que podem advir quando do estabelecimento de um casamento.

“Minha primeira gravidez foi uma coisa horrível... Para mim foi... O pai da criança era um homem mais velho. Eu não queria engravidar. Quando minha mãe descobriu, disse que eu iria abortar, porque ela não iria assumir filho de ninguém. O pai da criança, no início, reagiu bem, mas depois...” (Esperança).

“No início, quando eu soube que iria ser pai foi difícil. Não é fácil para qualquer pessoa saber que vai ser pai com 17 para 18 anos de idade... Eu fiquei cego, sem saber o que fazer. A primeira coisa que eu pensei foi que iria perder as festas, as brincadeiras, tudo... Depois, com a ajuda do meu pai e da minha mãe, da família dela e da minha família, eu consegui superar...” (Força).

Independentemente de como aconteceu e do desejo ou não de engravidar, é certo que a vida dos jovens a partir desse instante tende a sofrer modificações profundas que vão exigir dos mesmos uma abdicação da vida adolescente em favor da aquisição de responsabilidades e compromissos com um outro estilo de vida, desenhado a partir do exercício da maternidade/paternidade.

O fortalecimento do vínculo dos pais adolescentes com a criança e a aceitação desta são estabelecidos à medida que os

adolescentes vão encontrando mecanismos de enfrentamento para superar esse primeiro sentimento de medo e rejeição, ou mesmo de privações, em prol da criança. Tais mecanismos se revelam pela forte presença dos pais dos adolescentes no processo de aceitação e de apoio da gravidez, principalmente a mãe da adolescente grávida, ou mesmo dos parceiros, ao assumir o filho, ou de amigos, no cuidado à criança.

As adolescentes que relataram ter tido apoio da família, principalmente da mãe, ou do parceiro durante a gravidez, ou de amigos, revelaram uma maternidade mais segura, mais confiante, em que elas, mesmo não tendo planejado a gravidez, se mostraram desejosas de ter a criança e com motivação para cuidar dela.

“Ele não gostou muito da ideia, ficou sem acreditar, porque nem eu nem ele esperávamos por isso. Em relação à minha família, ninguém se pronunciou quando soube da novidade. Passei por momentos muitos difíceis, uma vez que, depois da gravidez, ele me deixava muito sozinha. Sentia que ninguém cuidava de mim... A pior coisa era ficar doente e não ter ninguém para cuidar de mim, ainda mais grávida. Era horrível!” (Amor).

“Logo após o nascimento, a primeira dificuldade foi ele pegar o seio para mamar, eu não tinha bico e ele quase não tinha lábios. Eu sabia que a dificuldade dele podia ser por causa da prematuridade. Chorei demais por causa disso, mas minha amiga,

que trabalha aqui comigo, sempre me ajudou, tive muito apoio dela, foi a única que se prontificou a ajudar e, assim, ficou um pouco mais fácil cuidar dele” (Delicadeza).

“Eu não tive ajuda de nenhum familiar e amigo para cuidar dela. A única ajuda que tive foi do meu esposo. Amigas estão sempre ali, mas, depois que você tem um filho... some todo mundo, não fica ninguém, nem o rastro!” (Esperança).

“Não me arrependo de ter engravidado, mas, se eu pudesse... hoje, eu não engravidaria, porque no momento que a pessoa tem um filho, tem que adquirir muita responsabilidade e eu só tenho 16 anos... É mais difícil ainda. O único atenuante é minha mãe que sempre esteve do meu lado e foi a única pessoa que sempre me ajudou” (Alegria).

“Com a gravidez, minha vida mudou bastante! Comecei a ficar muito nervosa, chorava dia e noite, entrei numa depressão tão grande que até vontade de me matar eu tive, porque eu imaginava: o que vai ser da minha filha? Minha vida toda teve a presença de um pai e uma mãe em minha criação, e minha filha seria criada apenas por mim... sozinha!” (Esperança).

As adolescentes, na maioria, passam a ser maltratadas tanto física quanto psicologicamente ao revelarem que estão grávidas. O que faz com que estas sintam-se inferiorizadas, culpadas, discriminadas, humilhadas e punidas em seu próprio lar. Violência essa agravada por vir de entes

queridos como pai, mãe, irmãos, irmãs e até do próprio parceiro<sup>(12)</sup>.

A aceitação da adolescente grávida pelos seus familiares, parceiros e amigos marca uma etapa decisiva na construção de uma nova família. Um outro momento de crise e dificuldades pode vir quando da constituição da união entre o casal. No entanto, o que observamos neste estudo é que as uniões já estavam, em sua maioria, estabelecidas antes da gravidez, não tendo sido precipitadas em função da gravidez. Porém algumas meninas ainda sentem-se pressionadas socialmente a estabelecer o vínculo conjugal e muitas vezes aceitam a união não apenas por acreditarem no relacionamento, mas pelo receio de criar o filho sem pai, pelas reações da família e pelas dificuldades financeiras para cuidar da criança.

Os relacionamentos iniciados depois da gravidez, em sua maioria, não tiveram o desfecho esperado pelas adolescentes. É no espaço de convivência diária que o sonho do relacionamento perfeito de algumas adolescentes vai se esvaindo e sendo substituído por um dia a dia de violência, de solidão e medo. Algumas têm a iniciativa de pôr fim ao relacionamento e seguir com os filhos, sozinha. Não voltam para casa, principalmente, por temerem a reação dos familiares e por entenderem que a responsabilidade é delas. Outras escolhem voltar para casa por se sentirem mais seguras, e por terem aceitação da família.

“Chegava em casa embriagado, agressivo, e queria me bater quando eu reclamava dessas atitudes dele. Eu comecei a ser agredida pelo meu parceiro... [...] Separamos. [...] Quando nós voltamos a morar junto, ele passou a não querer mais trabalhar. Passava o dia todo dentro de casa, nem sequer a alimentação da filha ele comprava. [...] A partir do momento em que o nosso relacionamento terminou, eu passei a ter muitas dificuldades para cuidar da minha filha, porque eu tive que sair para trabalhar e, como não tinha outra pessoa para cuidar dela, eu tinha que levá-la comigo para o trabalho... Eu trabalhava como empregada doméstica em uma casa de família, [...] e recebia 100,00 reais por mês e a alimentação da minha filha...” (Carinho).

“Eu sabia que apesar de tudo ele não teria responsabilidade, porque ele tinha quatro filhos e não estava preocupado com eles, por que com a minha iria ser diferente? Então, nos separamos. Voltei para dentro da casa da minha mãe, pois, apesar de tudo, mãe é mãe. Eu voltei a trabalhar e fui comprando as coisas para poder comprar um enxoval bom para minha filha...” (Esperança).

Alguns autores reforçam a importância da participação familiar, por meio de apoio financeiro, doméstico e afetivo para que os adolescentes superem os obstáculos e enfrentem os desafios inerentes a essa fase. A rede de apoio formada pela família, parceiro e amigos pode contribuir para a

diminuição do estresse, para aumentar o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, promoção da autoestima e da afetividade. O apoio mais importante é o emocional, principalmente quando proveniente da família de origem <sup>(13)</sup>.

Sob outro aspecto, mudanças ocasionadas pelas privações das atividades de lazer impõem a necessidade de amadurecer bruscamente. Mas até estas mostram para os adolescentes aspectos positivos e que favorecem o processo de enfrentamento das dificuldades. É sobre esse aspecto que percebemos as diferenças de gênero acentuando os papéis de meninos e meninas na constituição da família. Ser trabalhador e provedor, mesmo que dividindo essa responsabilidade com outra pessoa, atende às expectativas sociais da masculinidade, garantindo sua passagem para a vida adulta <sup>(14-15)</sup>.

As expressões masculinas e femininas, quanto à perspectiva em relação à maternidade/paternidade e cuidados com a criança remetem ao conceito de relações sociais de gênero, o que permite situá-lo em seu contexto social, para além dos aspectos biológicos e epidemiológicos <sup>(15)</sup>. Para as mulheres, o cumprimento das suas funções sociais femininas envolve, necessariamente, o cuidado com a prole <sup>(16)</sup>. Na fala dessas meninas, foi perceptível a maior abdicação, dedicação e renúncia diante de uma nova fase da vida, é isso que podemos constatar nas falas abaixo.

“Depois que ele nasceu, minha vida mudou muito, não posso sair mais para lugar nenhum, porque ele tem hora para se alimentar e também tenho que cuidar dele. Devido a isso eu não posso deixar ele com qualquer pessoa” (Delicadeza).

“Com o passar do tempo, eu passei a perceber que minha vida não mudaria totalmente como eu pensava. A única coisa que a pessoa tem é uma responsabilidade para alimentar e suprir todas as necessidades... É saber que, antes de você ir para uma festa ou para qualquer outro canto, você tem uma responsabilidade...” (Força).

A maternidade funciona como mecanismo quase automático de responsabilidade e amadurecimento associado ao aumento de restrições relacionadas à disponibilidade do próprio tempo. A necessidade de assumir as responsabilidades nos cuidados com a criança implica dedicação e compromissos que restringem o convívio com os amigos, a inserção e participação nas atividades prazerosas relacionadas ao contexto adolescente, principalmente para as meninas, visto que cuidar e educar o filho continua socialmente sendo uma questão feminina. A suspensão de atividades de lazer está ligada às dificuldades com o parceiro como: sentimentos de rejeição e abandono relacionados à diminuição do interesse sexual e ao fato de o parceiro poder ter acesso a atividades sociais e de lazer,

enquanto que elas permanecem cuidando dos filhos <sup>(1-2,17)</sup>.

Porém, mesmo em meio a essas dificuldades, elas e eles revelaram mudanças significativas na forma de ver, sentir e encarar o mundo a partir de todo o aprendizado decorrido dessa experiência. São as *benesses* que ficaram para eles como aprendizado, como uma experiência importante para a construção de novas experiências de vida.

“Minha vida mudou muito desde o momento que eu soube que iria ser pai... Deixei de ser criança, passei a ser mais rapaz ainda, me tornei mais adulto. Hoje eu trabalho como ajudante do meu avô na construção de postes. Fui pai aos dezesseis anos” (Responsabilidade).

“A chegada do meu filho modificou muito a minha vida. Eu me tornei uma pessoa responsável, respeitável e o que eu sou hoje é dependendo dele, e do que ele tem... Hoje eu trabalho como auxiliar de estamparia em uma grande empresa e recebo cerca de 600,00 reais por mês. E se eu estou no trabalho é dependendo dele” (Força).

“Eu já era muito responsável, mas com a chegada da gravidez tive que ficar mais responsável ainda, tive que assumir... Como eu e meu namorado estamos morando juntos, tenho que assumir a responsabilidade de uma casa também” (Vida).

Em ambos os sexos percebemos a referência explícita a um aumento das

responsabilidades e amadurecimento em relação à chegada do filho. Para as mulheres em relação ao cuidado propriamente dito e para os homens em relação ao trabalho e sustento da criança.

### **Significados da maternidade e paternidade na adolescência**

Historicamente, a maternidade tem sido valorizada como importante função social da mulher. Nas camadas mais baixas, a maternidade gera um *status* importante para as meninas, representando mais autonomia, responsabilidade, amadurecimento, e, sob certos aspectos, independência, principalmente, dos pais. A formação da mulher para o lar, para a constituição da família ainda é muito forte no nosso meio social, o que vem favorecer o desejo de engravidar, de ser mãe. Ao ser mães, elas adquirem respeitabilidade social no cumprimento de suas funções femininas. Por essas condições sociais pouco favorecidas, a gravidez na adolescência ganha um significado benigno, de algo maravilhoso <sup>(16)</sup>.

“Quando eu descobri que estava grávida, minha vida mudou... Eu me senti muito animada, poderosa, por estar gerando um filho que eu já nem acreditava que poderia ter... E ao mesmo tempo por estar tendo um filho também do meu companheiro... No que se refere à minha filha, a maternidade foi a coisa mais feliz da minha vida, já que eu pensava em nunca poder ser mãe...” (Carinho).

“Ser mãe traz para mim sentimentos ótimos, estou me sentindo melhor do que antes. A maternidade não me deixa abatida, me deixou mais ativa e mais alegre. A maternidade me tornou uma pessoa de bem com a vida, não me trouxe nada de ruim. Sempre tive as pessoas me apoiando, meus familiares, meu namorado. A gravidez não me atrapalhou em nada nessa etapa da minha vida” (Vida).

“A gestação me trouxe alegria, eu queria muito engravidar” (Amizade).

“A maternidade mudou muito minha vida, apesar dos pesares, para mim foi a melhor coisa do mundo! Minha filha me fez mudar tanto na vida, me fez ver as coisas por outro lado... Por ela eu sou capaz de tudo. Ela me fez criar responsabilidade e amadurecer” (Esperança).

“É muito bom ter minha filha, foi a melhor coisa que Deus colocou na minha vida!” (Esperança).

“Não sei ainda o que tem significado a maternidade para mim. Certo dia, há uns três meses atrás, eu estava com cinco meses, eu caí de uma escada... Logo veio em mente a sensação de perda, foi horrível! Como eu estava grávida, pensei primeiro no meu filho, da mesma forma que minha mãe teve muitos sacrifícios, dificuldades para me ter e criar... Fiquei pensando... la ser muito difícil saber que uma vida passou nove meses dentro da minha barriga e, de uma hora para outra, procurar aquela pessoa e não encontrá-la. É muito difícil para gente que vai ser mãe perder” (Alegria).

“O sentimento da maternidade é algo grandioso, sublime e indescritível, mas ao mesmo tempo torna-se simples, defino-o como maravilhoso” (Delicadeza).

“Daqui para frente quero vê-lo crescendo com muita saúde, meu projeto exclusivo de vida é proporcionar-lhe uma vida cheia de saúde” (Delicadeza).

A maternidade concretiza-se como geradora de responsabilidade e desafios, ao mesmo tempo em que é promotora de um amadurecimento pessoal, social e emocional, o que abre espaço para que as adolescentes reconheçam e sejam reconhecidas por suas capacidades como mães, e, assim, resgatem ou conquistem autoestima<sup>(17)</sup>.

Para os meninos, a paternidade também tem uma representação mais ampla, e, para alguns, já aponta como algo que vai além do provimento financeiro da família. Nesse sentido, a paternidade precisa ser revista quando se trata apenas de atribuir ao homem a responsabilidade econômica pela família. O seu exercício envolve a participação afetiva e social na construção da família, a corresponsabilização no cuidado em prover todas as necessidades da criança, por exemplo, na divisão de tarefas relativas ao cuidado infantil, assim como participar efetivamente da educação da criança e da construção dos vínculos familiares. Assumir a paternidade do ponto de vista emocional, social e material denota maturidade e responsabilidade masculina<sup>(18)</sup>.

“Saber que iria ter um filho foi uma experiência ótima, porque eu esperava muito por isso... O que mudou na minha vida com a chegada da minha filha foi que as minhas responsabilidades aumentaram e eu tenho que trabalhar em dobro para sustentar ela e minha mulher, que trabalha em casa cuidando dela...” (Generoso).

“Eu me sinto a pessoa mais feliz do mundo por ser pai, não nego a ninguém e isso representa para mim ser uma pessoa responsável. Cabe a mim dizer quem é ele, como ele vai ser, entendê-lo, educá-lo e mais a ninguém. Ou seja, eu sou responsável pelo que ele é...” (Força).

“Ser pai vem sendo uma ótima experiência, eu estou gostando muito porque eu estou cuidando de uma filha que é minha, dando de tudo a ela. Vai continuar sendo assim mesmo... E no futuro eu espero poder dar uma vida melhor para ela...” (Responsabilidade).

É possível perceber nesses meninos uma maior participação na família, no cuidado da criança, na educação dela. A paternidade tem permitido aos adolescentes vivenciarem uma experiência de compromisso, responsabilidade e de dedicação ao filho. A satisfação é evidente, mesmo em meio às dificuldades, que não são jamais esquecidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar a história de vida desses sujeitos nos permitiu conhecer uma gama de significados atribuídos à

maternidade/paternidade, compreendendo esses fenômenos para além do número de casos de adolescentes grávidas, mas evidenciando as expectativas, dificuldades e vivências decorridas dessa experiência.

Essas histórias apenas nos indicam o quanto ainda temos de avançar o nosso olhar em direção aos projetos de vida dos adolescentes para que possamos descortinar as expectativas dessas novas gerações que muito cedo começam uma vida sexual e um relacionamento afetivo sem sequer terem um amadurecimento emocional. Faz-se premente que os profissionais de saúde apontem caminhos rumo a um trabalho educativo evolvente, conscientes desses novos cenários que se configuram a partir do comportamento desses jovens, participativo, e voltado para o que eles almejam como projeto de vida.

Salientamos a importância da formação de vínculos sólidos e afetivos entre os membros da família desde o pré-natal, passando pelo acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e, em especial, atenção ao adolescente, entre outros. Precisamos estimular e fortalecer os laços familiares como base para a formação desses sujeitos sociais para que só assim possamos pensar em diminuir as graves consequências decorrentes também da gravidez na adolescência ou mesmo da maternidade/paternidade nessa fase da vida.

A família deve ser a todo momento repensada e valorizada como núcleo de

formação do sujeito, como fonte essencial de afeto e segurança para que só assim nossos adolescentes possam ter uma vida mais segura, com escolhas mais acertadas e com a possibilidade de viver e amadurecer com responsabilidade no tempo mais adequado a cada um, não dando saltos, mas vivendo fases importantes para a construção de uma nova identidade social.

## REFERÊNCIAS

- 1- Deprá AS, Heck RM, Thum M, Teila C, Marisa V, Lopes CV et al. Gravidez de adolescentes na unidade de saúde da família. *Rev. enferm. Cent.-Oeste Min.* 2011; 1(1):59-69.
- 2- Cabral S, Levandowski D. Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal rev. psicol.* 2012; 24(3):543-62.
- 3- Silva L, Tonete VLP. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev. latinoam. enferm.* 2006; 14(2):199-206.
- 4- Piccinini CA, Gomes AG, Nardi T, Lopes RS. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol. estud.* 2008; 13(1):63-72.
- 5- Braga IF, Oliveira WA, Span  AMN, Nunes MR, Silva MAI. Percepções de adolescentes sobre o apoio social na maternidade no contexto da atenção primária. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* 2014; 18(3):448-55.
- 6- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção   Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva. *Cadernos de Atenção Básica*, n. 26. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- 7- Cortez DN, Zica CMS, Gontijo LV, Cortez AOH. Aspectos que influenciam a gravidez na adolescência. *Rev. enferm. Cent.-Oeste Min.* 2013; 3(2):645-53.
- 8- Soares JSF, Lopes MJL. Biografias de gravidez e maternidade na adolescência em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. *Rev. Esc. Enferm. USP.* 2011; 45(4):802-10.
- 9- Rates CMP, Azevedo C, Taveira AM, Pessalacia JDR, Araújo A. Questões bioéticas e adolescência: revisão integrativa da literatura brasileira. *Rev. enferm. Cent.-Oeste Min.* 2014; 4(3):1359-73.
- 10- Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.
- 11- Meihy JCSB. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005.
- 12- Mota RS, Santos MM, Camargo CL, Gomes NP, Diniz NMF, Rodrigues AD. Sexualidad, embarazo y violencia doméstica: experiencias de adolescentes brasile as. *Index enferm.* 2014; 23(3):139-43.
- 13- Braga IF, Oliveira WA, Span  AMN, Nunes MR, Silva MAI. Percepções de adolescentes sobre o apoio social na maternidade no contexto da atenção primária. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* 2014; 18(3):448-55.
- 14- Teixeira RC, Mand  ENT, Corrêa ACP, Marcon SS. Vivências e necessidades de saúde de homens no período pós-nascimento de um filho. *Rev. bras. enferm.* 2014; 67(5):780-7.

15- Gabriel MR, Dias ACG. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estud. psicol. (Natal)*. 2011; 16(3):253-61.

16- Patias ND, Dias ACG. Opiniões sobre maternidade em adolescentes grávidas e não-grávidas. *Arq. bras. psicol. (Rio J. 1979)*. 2013; 65(1):88-102.

17- Farias R, More COO. Repercussões da gravidez em adolescentes de 10 a 14 anos em contexto de vulnerabilidade social. *Psicol. reflex. crit.* 2012; 25(3):596-604.

18- Nascimento MG, Xavier PF, Sá RDP. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. *Adolesc. Saúde [online]*. 2011; 8(4):41-7.

**Recebido em:** 13/11/2014

**Versão final rerepresentada em:** 06/08/2015

**Aprovado em:** 06/08/2015

#### **Endereço de correspondência**

Paula Fernanda Brandão Batista dos Santos  
Departamento de Enfermagem da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte. BR 101, s/n,  
Lagoa Nova, Natal - RN. CEP: 59072-970  
E-mail: paulafernandabb@hotmail.com